ARTE SACRA EM COMPANHIA: A ADEQUAÇÃO LITÚRGICA DA CAPELA DA UNICAP

*Karoline Menezes**

Resumo
O espaço acadêmico imerso de uma dimensão comunitária se propõe a ser uma expressão de sua identidade e de seus valores. Sob a condução do artista plástico Cláudio Pastro, no ano de 2012 a Universidade Católica de Pernambuco deu início à adequação litúrgica de sua capela, trazendo a proposta de uma arquitetura que evidencia beleza e sacralidade para comunicar-se com a comunidade acadêmica. Através de material bibliográfico e leitura teológica da edificação, o presente artigo tem o intuito de relatar este processo. Destacam-se em seu projeto arquitetônico o espaço sagrado que comunica o belo, a adequação litúrgica numa perspectiva comunitária e a dimensão ecumênica que o espaço possibilita.
Palavras-chave: Espaço sagrado; Cláudio Pastro; UNICAP; capela.

1 INTRODUÇÃO

"O espaço sagrado não é qualquer espaço.
É o céu na terra[1]".

No espaço sagrado todo o conjunto de elementos faz parte do Mistério que se comunica e se celebra. Ali se toca o divino e é tocado por ele. O espaço cristão deve comunicar essa verdade porque é o lugar da nova criação, dos descendentes do Novo Adão, que é bom, belo e verdadeiro. Nesse sentido, bondade, beleza e verdade se encontram numa unidade para comunicar o jeito de ser cristão. Diferente das outras edificações, esse espaço está totalmente preenchido dessa presença divina, que se comunica nele e orienta para a vida, nessa perspectiva de vida nova dada pelo Cristo.

* *Bacharela em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Integrante do Instituto Humanitas UNICAP. *karoline.menezes@yahoo.com.br*
[1] PASTRO, Cláudio. Arte Sacra. São Paulo: Loyola, 1984, pág. 8.

2 A ADEQUAÇÃO LITÚRGICA NUMA PERSPECTIVA COMUNITÁRIA

Com traços da espiritualidade inaciana, a capela da Universidade Católica de Pernambuco remete à história da Companhia de Jesus ao fazer referência ao lugar de onde esta surgiu: Inácio e os primeiros jesuítas lembram os estudantes que chegam ao ambiente universitário com seus desejos e sonhos, com um projeto de vida pessoal e comunitária.

Antes de sua adaptação, a capela era ligada por um mezanino ao prédio do Bloco "C", onde estava a residência da comunidade jesuíta. Na década de 1980 Pe. Amaral Rosa, reitor à época, quis fazer uma reforma que incluísse a torre[2]. No ano de 2012, com a visita do artista plástico Cláudio Pastro à universidade, o Pe. Pedro Rubens, atual reitor, o apresentou sua intenção de repensar a capela do campus,

> O Reitor lembrou que os primeiros companheiros de Inácio eram universitários, movidos pelo mesmo ideal. A proposta foi a de manter a arquitetura da capela e pensar a reforma de modo a considerá-la como um espaço litúrgico-celebrativo e formativo no coração da Universidade. Cláudio apreciou os arcos externos na entrada e sugeriu retomá-los como pareciam ter sido concebidos originalmente.[3]

Após a visita do artista ao campus deu-se o início do processo de maturação com a comunidade acadêmica e religiosa residente.

> Posteriormente, em setembro de 2013, esboçou traços da pintura, da distribuição do espaço e do mobiliário. Cristo está em primeiro plano e somente ao fundo, numa perspectiva bem menor, aparecem Inácio e o grupo de companheiros na Universidade, evocada pela construção ao fundo da pintura. Cláudio expressou pelo painel em azulejos a centralidade do Cristo, destacando a árvore da vida.[4]

[2] Informação compartilhada pelo Pe. Jacques Trudel, à época professor do curso de graduação em Teologia e integrante da equipe de Pastoral da universidade.
[3] Informação compartilhada pela Ir. Maria Aparecida Abrão, à época professora do curso de graduação em Teologia e integrante da equipe de pastoralidade no Instituto Humanitas UNICAP.
[4] Ibidem.

A unidade do conjunto desta obra arquitetônica sacra e toda a sua característica somada pelos anos tornam-se essenciais na concepção da nova adequação nesta obra. É nesta perspectiva que o cuidado com toda a adequação artística da engenharia e da arquitetura daquele espaço, além da distribuição espacial do mobiliário, é intencional, pois trata-se do espaço mistagógico, que é serviço à liturgia celebrada, assim como um serviço catequético a toda a comunidade universitária.

Trata-se de um projeto "em companhia": para além de um trabalho realizado para a Companhia de Jesus, contou com o envolvimento da universidade no desenvolvimento do processo, tanto na parte técnica, com os trabalhos do escritório de Engenharia e Arquitetura, da Divisão de Manutenção Predial, da Oficina de Móveis, quanto na idealização conceitual do espaço (litúrgico-teológica) através da equipe de pastoral da instituição.

3. O ESPAÇO SAGRADO QUE COMUNICA O BELO

Com uma qualificada, distinta, dinâmica e, intencionalmente oferecida, distribuição do espaço sagrado realizado pelo artista, a capela proporciona a contemplação. Cabe àquele espaço contribuir para uma experiência com o Sagrado aos que nele adentram e podem realizar uma leitura de toda a simbologia que ele oferece:

a) O Átrio: É o espaço do outro, um espaço de transição entre o cristão e o não-cristão, o encontro de dois mundos. Lugar da acolhida, que dá sentido à missão (Pastro, 2001. p. 32).
b) Portas: Nesta configuração atual são 12, número simbólico na literatura bíblica: 12 tribos de Israel (Cf. Nm 1,32-33), 12 apóstolos (Cf. Mt 10,2-4; Mc 3,16-19 e Lc 6,13-16), 12 portas no Apocalipse (Cf. Ap 12,12-22). Feitas em arcos romanos, que indicam perfeição e levam ao repouso e à unidade (Pastro, 2001. p. 32). Apesar das portas serem feitas em vidro, e não de um material mais robusto, como a madeira ou o metal, remetem a Cristo,

porta das ovelhas (Cf. Jo 10,1), e sua acolhida. É por elas que os catecúmenos entram e são acolhidos na vida da Igreja, como novos partícipes do corpo de Cristo.

c) Altar: É o lugar do sacrifício. Deus se revela num sacrifício ministerial. Para chegar ao Mistério e à salvação que dele vem se passa pelo sacrifício. O lugar do sacrifício carrega a dignidade deste ato (PASTRO, 2001. p. 22). Feito em madeira, remete ao lenho do sacrifício e da salvação: o lenho no qual Abraão colocou Isaac (Cf. Gn 22,1-14), o lenho da serpente que curou o povo que olhava para ela no deserto (Cf. Nm 21,8), o lenho da cruz no qual Jesus deu-se em sacrifício (Cf. Jo 19, 17). Circundando-o, estão entalhados os símbolos do cordeiro, dos ramos, dos vasos e do serviço, é o lugar central da arquitetura e de onde oferta-se toda a vida. Pão e vinho, mas também sonhos e lutas.

d) Fonte batismal: lugar de nascimento do cristão e de introdução não só à vida sacramental, mas comunitária. É na pia batismal que se realiza o banho lustral simbolicamente realizado em Cristo e onde, posteriormente, o neófito recebe as vestes brancas da salvação. Na capela, estando disposta ao lado direito da assembleia, mesmo lado do qual no Cristo jorrou água em sinal da doação do espírito e, nele, a nova vida da Igreja, evidencia o lugar onde acontece o banho e a unção com o óleo da Crisma.

e) Ambão: espelhado à fonte batismal, é o lugar de preleção e partilha, que dá suporte à Palavra. Lugar do ensinamento, da mistagogia, lugar de ministros ordenados e não ordenados, que constituem a assembleia celebrante, no qual acontece a comunicação plena com o Pai: Deus fala, o povo escuta e responde. Lugar de voz ativa, no qual as pessoas da comunidade acadêmica partilham o serviço da Palavra de Deus, proclamando as leituras.

f) Sede: No topo deste espaço está a sede como o lugar (cadeira) da presidência do rito ministerial dessa comunidade. É o lugar de referência de quem é cabeça do rito, seja o ministro ordenado ou o extraordinário.

No aspecto mais característico do artista, temos a iconografia, onde o mesmo expressou a beleza nesse projeto:

a) no painel central se encontra o Cristo Pantocrator, de forma centralizada e destacada, com vestes sacerdotais, portando o Livro da Vida (Cf. Fl 4,3; Ap 3,5), ladeado por uma grande oliveira, que o referencia à árvore unida a nós, os ramos (Cf. Jo 15,5). Ao fundo, de forma discreta, Inácio e os companheiros Jesuítas, que chegam ao ambiente universitário, nos primórdios da Companhia de Jesus, fazendo um paralelo com a comunidade acadêmica que hoje ali está.

b) Destacando-se junto ao ambão, a iconografia de Maria, de forma singela e em postura de escuta. É o modelo de cristã disponível a todos.

Restando dois sacramentais essenciais do espaço cristão-católico, temos:

a) O tabernáculo, como coluna edificante, estrutura de formas iguais e com topo piramidal que aponta para o alto. Sendo lugar da reserva eucarística, proporciona à comunidade acadêmica uma expressão de sua fé pessoal: diante dele, as pessoas se colocam diariamente em suas orações particulares e adoração ao Cristo eucarístico.

b) Acompanhando-o, vê-se a luminária: símbolo difundido da presença eucarística, indica o Cristo, como a estrela de Belém, que aponta o lugar no qual o Salvador está (Cf. Mt 2, 1-16).

c) Por fim, a cruz, símbolo do cristão, lugar da passagem da morte para a vida. É a réplica da cruz peitoral usada por Dom Hélder Câmara. Faz referência a ele que, na cruz de Cristo colocou as causas às quais se dedicou e, nele, à igreja local, na qual desenvolveu sua ação pastoral.

Esta leitura teológica deste espaço percebe-o finalmente como uma expressão da vida em movimento, aquilo que esses símbolos e sacramentais revelam numa perspectiva de vida sacramental, acadêmica e de comunicação com o mundo.

4 CONCLUSÃO

Fica um convite a repensarmos nossa relação com a beleza. Culturalmente fomos formando a ideia de uma expressão daquilo que o belo nos provoca carregadas de segundas intenções de nossa parte. É preciso resgatar e cultivar a gratuidade na maneira de contemplar o belo e falar dele. Isso gera mais de um movimento: "ser belo significa não ser indiferente. Há atenção na beleza" (PASTRO, 1984, p. 15). O belo chama a nossa atenção porque nós enxergamos algo nosso nele, algo que nos atrai e com o qual nos identificamos. No espaço sagrado essa identificação deve ser com o Cristo que, como cabeça, nos incorpora em sua totalidade, e como assembleia reunida em seu templo afirma-se o total seguimento a ele.

O objeto de admiração, apesar de poder ser projetado como algo, senão atemporal, ao menos para longo prazo, encontra sua razão de ser no olhar do admirador. "Aparentemente inertes, as obras de arte estão à espera de serem contempladas e interpretadas" (PASTRO, 1984. p. 06) e, no que diz respeito ao espaço sagrado, ajudam as pessoas, sejam individualmente, seja a assembleia celebrante, em seu encontro com Deus, numa unidade. A capela comunica a sacralidade através da beleza à comunidade acadêmica, que desenvolve uma memória afetiva com ela. No fim, não é o artista quem se sobressai, pois sua obra é uma obra ministerial, mas o Cristo revelado nela. É para comunicar esse Cristo que a arte se manifesta e nele é manifestada para nós.

REFERÊNCIAS

PASTRO, Cláudio. **Arte Sacra.** São Paulo: Loyola, 1984.

PASTRO, Cláudio. **Guia do espaço sagrado.** 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

PASTRO, Cláudio. **Arte Sacra.** São Paulo: Loyola, 1984.

PASTRO, Cláudio. **Guia do espaço sagrado.** 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

MOLINERO, Marcelo Antônio Audelino. **O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia.** Para uma teologia do espaço litúrgico. São Paulo: Paulus, 2019.

RUPNIK, Marco Ivan. **A arte como expressão da vida litúrgica.** Conferências do 11º ENAAS. Brasília: Edições CNBB, 2019.

SCHUBERT, Guilherme. **Arte para a fé.** Igrejas e capelas depois do Concílio Vaticano II. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.